

A MEMÓRIA NO ESTUDO DAS CIDADES

MEMORY IN THE STUDY OF CITIES

Rafael Rodrigues Sobreira de Souza¹

RESUMO

A memória, individual e coletiva, pode ser utilizada como uma ferramenta essencial no estudo das cidades. Utilizando o materialismo histórico-dialético, este estudo investiga como as memórias conectam indivíduos e grupos sociais ao espaço das cidades, revelando camadas históricas e espaciais que contribuem para uma leitura crítica e abrangente do espaço urbano.

Palavras-chaves: Geografia Urbana Histórica; Memória; Cidades.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a memória, individual e coletiva, como uma ferramenta no estudo das cidades. O presente estudo justifica-se diante da necessidade de compreender como a relação entre a memória e a cidade contribui para uma leitura mais profunda a respeito do espaço urbano. A cidade, enquanto nosso objeto de estudo, apresenta-se como um organismo dinâmico e em constante transformação. As mudanças que ocorrem no espaço urbano, no transcurso do tempo, ainda que reflitam processos de modernização e reestruturação do espaço, estão profundamente entrelaçadas às vivências e percepções daqueles que habitam e experienciam a cidade (Abreu, 2013). Ou seja, mesmo que a cidade passe por transformações em sua estrutura ou paisagem urbana, as memórias permanecerão vivas nos indivíduos e grupos sociais que com ela mantiveram vínculos (Bosi, 1994). Assim, a memória, em suas dimensões individual e coletiva, é capaz de preservar elementos das paisagens urbanas, mesmo quando estas são fisicamente alteradas. Logo, podemos pensar a cidade como um lugar de memória.

Conforme destaca Abreu (2013), as memórias individuais e coletivas apenas estruturam-se plenamente quando conseguem se ancorar no tempo e no espaço. Portanto, em qualquer momento do tempo coexistem em determinada cidade inúmeras memórias que conectam indivíduos e grupos sociais entre si. Essas memórias podem ser diferentes, mas tem como ponto de conexão a aderência a mesma cidade. Cabe ressaltar que o espaço urbano conta parte de sua história, pois a cidade também é um registro, uma escrita, a própria materialização de sua história (Rolnik, 2017). As lembranças individuais, carregadas de experiências pessoais e afetivas, conectam-se às memórias coletivas, que consolidam as histórias partilhadas por comunidades inteiras (Halbwachs, 2006). Desse modo, investigar como essas memórias atuam no contexto urbano possibilita não apenas uma leitura mais profunda do espaço, mas também a valorização das relações simbólicas e subjetivas que constituem as cidades.

¹ Instituto Federal de Brasília – IFB, rafael19geo@gmail.com.

A relevância deste estudo está na necessidade de compreender o papel da memória como elemento central para a interpretação das dinâmicas urbanas. Em um mundo cada vez mais marcado por transformações rápidas e intensas, analisar as interações entre memória e cidade permite resgatar aspectos históricos e espaciais que frequentemente são invisibilizados pelas mudanças que ocorrem na paisagem urbana. Essa abordagem contribui para o reconhecimento da memória como um recurso eficaz no esforço de compreensão do fenômeno urbano.

METODOLOGIA

Em uma abordagem teórica e bibliográfica, a pesquisa adotou o materialismo histórico-dialético como método para compreender as cidades em sua totalidade, considerando-as como espaços historicamente construídos e permeados por dinâmicas sociais, espaciais e temporais (Konder, 2012). Nesse contexto, a memória — tanto coletiva quanto individual — é analisada como um elemento central para a compreensão das contradições que moldam o espaço urbano. Enquanto a memória coletiva reflete as vivências de grupos sociais, a memória individual conecta experiências pessoais aos territórios analisados, resignificando o espaço urbano de acordo com percepções e trajetórias únicas. Desse modo, analisamos como essas dimensões da memória se inter-relacionam e podem contribuir com o estudo das cidades.

A metodologia estruturou-se em etapas que incluem a delimitação do objeto de estudo, a formulação da problemática e a construção de um referencial teórico. O materialismo histórico-dialético permitiu integrar as memórias individuais e coletivas ao estudo das cidades, destacando sua historicidade. Nesse sentido, investigou-se como as memórias individuais, vinculadas às experiências de vida específicas, dialogam com as memórias coletivas na interpretação da organização do espaço urbano - revelando camadas históricas e sociais que conectam passado e presente.

O trabalho propõe uma interpretação crítica do espaço urbano, valorizando as memórias individuais como complemento essencial às memórias coletivas na análise das cidades. Enquanto a memória coletiva tende a estruturar narrativas compartilhadas que explicam a organização do espaço, a memória individual enriquece o estudo ao trazer perspectivas subjetivas que humanizam o território analisado e revelam as microrrelações que permeiam o espaço urbano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade transforma-se ao longo do tempo e do espaço. Nesse contínuo processo de transformação, as mudanças na paisagem urbana podem ser preservadas e acessadas pela memória daqueles que compartilhavam, cada um a sua maneira, determinado lugar. Halbwachs (2006) afirma que existem duas categorias de memórias, a memória individual e a memória coletiva. Portanto, as modificações no espaço urbano são enraizadas na memória, pois ocasionam inquietações naqueles que perceberam tais mudanças.

Os velhos lamentarão a perda do muro em que se recostavam para tomar sol.
Os que voltam do trabalho acharão cansativo o caminho sem a sombra do

renque de árvores. A casa demolida abala os hábitos familiares e para os vizinhos que a viam há anos aquele canto de rua ganhará uma face estranha ou adversa (Bosi, 1994, p. 451).

Assim, mesmo mudando a morfologia da cidade ou alterando a fisionomia da paisagem urbana a memória resistirá nos indivíduos e grupos sociais que estiveram ligados a ela. Ou seja, independente de acrescentar ruas, demolir casas ou prédios, modificar fachadas ou construir novas edificações na cidade nada poderá destruir o vínculo que as pessoas possuem com suas lembranças que estão eternizadas em suas memórias (Bosi, 1994).

Segundo Abreu (2013), a memória, enquanto categoria biológica e psicológica, refere-se à habilidade de reter e preservar informações, acontecimentos, imagens, experiências – sendo fundamental para a construção da identidade de um lugar. A memória individual corresponde àquelas lembranças que cada pessoa carrega consigo, relacionadas às experiências e registros de tempos passados. Essa dimensão da memória desempenha um papel crucial na recuperação histórica das cidades, uma vez que permite acessar momentos e configurações espaciais que já não estão presentes na paisagem urbana atual. Por sua vez, a memória coletiva consiste nas vivências compartilhadas por um grupo, que embora tenham sido experimentadas pelo indivíduo, extrapolam o âmbito pessoal e se tornam parte de uma identidade coletiva que caracteriza determinada comunidade que habita a cidade.

Conforme Halbwachs (2006) e Abreu (2013), a discussão sobre memória exige uma análise conjunta das categorias tempo e espaço, considerando que o tempo adquire significado apenas quando associado a um contexto espacial específico. Assim, para que a memória possa desempenhar seu papel de reconstituir o passado, é necessário que ela encontre um suporte físico no espaço. Afinal, “o espaço é a acumulação desigual de tempos” e o resultado de processos históricos e sociais que acumulam temporalidades distintas. Nesse cenário, a geografia se torna um campo essencial para entender as relações entre memória e cidade – permitindo uma reconstrução histórica ancorada no espaço (Santos, 2021, p. 9).

Para ir ao encontro da interpretação dos lugares, a geografia tem que considerar que as formas sociais são produtos históricos, resultado da ação humana sobre a superfície terrestre, e que expressam a cada momento as relações sociais que lhe deram origem (Silva, 2012, p. 1).

Santos (2021) nos leva a perceber o espaço, e conseqüentemente o espaço das cidades, como algo dinâmico e contraditório, onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam de forma desigual. Nesse contexto, é necessário superarmos a visão limitada que restringe a geografia ao estudo do presente, uma vez que, a compreensão dos lugares exige a incorporação de temporalidades.

A cidade enquanto produto histórico e social tem relações com a sociedade em seu conjunto, com seus elementos constitutivos, e com sua história. Portanto, ela vai se transformando à medida que a sociedade como um todo se modifica (Carlos, 2024, p. 68).

Uma forma de utilizar a memória no estudo da cidade é por meio da *história oral*, que pode ser entendida como uma metodologia capaz de contribuir com o resgate e análise das memórias individuais e coletivas. Por meio de conversas gravadas e entrevistas é possível preservar memórias de quem vivenciou certos lugares, contextos e acontecimentos, mas também revelar perspectivas muitas vezes negligenciadas pelos registros oficiais. Portanto, a história oral é uma ferramenta eficaz na construção da identidade de grupos e na promoção

de uma leitura mais profunda do espaço urbano. Nessa perspectiva, os depoimentos orais – memórias registradas e transcritas – seriam instrumentos para se preencher lacunas documentais e dar voz às narrativas dos indivíduos historicamente marginalizados (Ferreira, 1998).

Outra metodologia capaz de articular as dimensões temporais e espaciais no estudo das cidades é a criação de *mapas conjecturais*. Construídos a partir de fontes documentais, esse produto cartográfico tem como objetivo preencher lacunas sobre a representação urbana em diferentes cidades, escalas e épocas. Essa técnica não apenas preenche lacunas representativas, mas também oferece novas interpretações sobre a dinâmica espacial de centros urbanos em diferentes contextos históricos. Contudo, em virtude da carência das fontes e da dificuldade em interpretá-las, os mapas conjecturais são interpretações e precisamos explicitar claramente os passos de sua elaboração – discutindo individualmente as fontes utilizadas para evitar confusões ou projeções indevidas sobre o passado (Abreu, 2021). De todo modo, os mapas conjecturais ajudam a ancorar memórias coletivas em espacialidades concretas - permitindo visualizar configurações espaciais de períodos passados.

Para Silva (2012) e Vasconcelos (2009), a geografia histórica e a geografia urbana histórica exigem metodologias que articulem tempo e espaço – utilizando *periodizações*, *contextos* e *recortes espaciais* – para analisar transformações sem perder o foco na espacialidade. Ou seja, é necessário evitar a reprodução de abordagens historiográficas convencionais. Segundo Abreu (2003), ao estudar o passado, é essencial reconhecer que não há como recriar os acontecimentos exatamente como ocorreram, pois [...] “as geografias do passado não trabalham com o passado em si, mas com fragmentos deixados por ele” (Costa, Andrade, Maluly, 2024, p. 220). No entanto, com esforço, é possível reunir ferramentas, como as citadas anteriormente, que possibilitem analisar e compreender os processos que influenciaram aquele espaço específico em diferentes períodos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que a memória, individual e coletiva, desempenha um papel essencial na análise das dinâmicas urbanas, fornecendo subsídios para compreender os processos de transformação que moldam as cidades. A memória, portanto, atua como uma ponte entre o que existiu e o que permanece na cidade, contribuindo para uma leitura crítica e enriquecedora do espaço urbano.

Nessa ótica, ao aliar a memória ao estudo das cidades, torna-se possível revelar aspectos históricos e espaciais frequentemente negligenciados nos processos de ordenamento territorial e planejamento urbano. Assim, reforçamos a necessidade de integrar memória e espaço como categorias essenciais na análise e compreensão das dinâmicas espaciais no meio urbano.

Estudar a cidade utilizando a memória como ferramenta é reconhecer que o espaço urbano é uma construção coletiva cheia de histórias, sentimentos e significados que complementam sua materialidade. Dessa forma, integrar a dimensão da memória ao estudo urbano fortalece a capacidade de planejar e intervir na cidade de maneira sensível e responsável. A memória não apenas resgata o passado, mas lança olhares críticos sobre o presente e inspira futuros possíveis.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. REENCONTRANDO A ANTIGA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO: MAPAS CONJECTURAIIS DO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XVI. **Revista Cidades**, Brasil, v. 2, n. 4, p. 189-220, 2021. DOI: [10.36661/2448-1092.2005v2n4.12599](https://doi.org/10.36661/2448-1092.2005v2n4.12599). Disponível em: <https://periodicos.ufff.edu.br/index.php/cidades/article/view/12599>. Acesso em: 05 abr. 2025.
- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-39.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2024.
- COSTA, Everaldo Batista da; ANDRADE, Adriano Bittencourt; MALULY, Vinicius Sodré. Geografia histórica urbana no Brasil: legado e crítica das perspectivas. **GeoTextos**, [S. l.], v. 24, n. 2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.9771/geo.v0i2.63353>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/63353>. Acesso em: 09 abr. 2025.
- FERREIRA, Marieta. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta (org.). **Entre-Vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2021.
- SILVA, Marcelo Werner da. A Geografia e o estudo do passado: Conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais. **Terra Brasilis**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-18, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabilis.246>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabilis/246>. Acesso em: 07 abr. 2025.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Questões metodológicas na geografia urbana histórica. **GeoTextos**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 147-157, dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v5i2.3791>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3791>. Acesso em: 02 abr. 2025.